

DISCURSO E MEMÓRIA NA LENDA “O ARRANCA-LÍNGUAS”

DISCOURSE AND MEMORY IN LEGEND “ARRANCA-LÍNGUAS”

Fernanda Surubi Fernandes

Universidade Estadual de Goiás – UEG/Iporá

fernandasurubi@gmail.com

Olimpia Maluf-Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres

olimpiamaluf@gmail.com

Resumo: As lendas estão presentes no cotidiano, por isso, analisar as lendas da região é dizer de um lugar no qual o sujeito pode se identificar por uma memória que o constitui, produzindo diferentes sentidos. Com base na teoria da Análise de Discurso de linha materialista, iniciada nos anos 60 por Pêcheux (2009), na França, e desenvolvida por Orlandi (2007, 2016) no Brasil, analisa-se como esse atravessamento constitutivo das formações discursivas da moral, da religião (re) significam o horror e o sobrenatural em versões da lenda “Arranca-línguas”. Para isso, abordamos as concepções de lenda, numa relação com o discurso e a memória. Depois analisamos as versões da lenda, uma veiculada na mídia online e outra na obra de Câmara Cascudo (1999), observando a relação entre horror e o corpo do monstro (COURTINE, 2011). Compreende-se que o sobrenatural faz parte da lenda produzindo efeitos moralizantes, esses efeitos são atravessados por discursos, dizeres anteriores que significam os sujeitos a partir de uma memória coletiva, do inconsciente coletivo, e essa moral, que atravessa esses dizeres, produzindo o corpo do monstro como lugar de (des)estabilização dos sentidos.

Palavras-chave: Discurso. Sobrenatural. Lenda. Monstro.

Abstract: Legends are present in everyday life, therefore, analyzing the region's legends is to say of a place in which the subject can identify himself by a memory that constitutes him, producing different meanings. Based on the theory of Discourse Analysis of a materialist line, initiated in the 60s by Pêcheux (2009), in France, and developed by Orlandi (2007) in Brazil, it is analyzed how this constitutive crossing of the discursive formations of morals, of religion (re) signify the horror and the supernatural in versions of the legend "Arranca-línguas". For this, we approach the concepts of legend, in a relationship with speech and memory. Afterwards, we analyze the versions of the legend, one published in the online media and the other in the work of Câmara Cascudo (1999), observing the relationship between horror and the monster's body (COURTINE, 2011). It is understood that the supernatural is part of the legend producing moralizing effects, these effects are crossed by discourses, previous sayings that signify the subjects from a collective memory, the collective unconscious, and this moral, which crosses these sayings, producing the body of the monster as a place of (de)stabilization of the senses.

Keywords: Discourse. Supernatural. Legend. Monster.

Introdução

As lendas estão presentes no cotidiano produzindo efeitos que associam a realidade com o sobrenatural. São histórias que contam e recontam, formulam e reformulam imagens, sentidos, projeções históricas e sociais que interpelam os sujeitos, constituindo-os pelo modo de dizer e redizer (n) vezes as lendas, sendo atravessadas pelo fantástico, pelo horror, pelo sobrenatural para produzir na maioria das vezes o medo.

Lovecraft (1987) expõe que o medo faz parte do ser humano, uma emoção forte ligada, principalmente, ao desconhecido. Segundo o autor,

[...] o conto de horror sobreviveu, evoluiu e alcançou notáveis culminâncias de aperfeiçoamento, fundado como é num princípio profundo e elementar cujo apelo, se nem sempre universal, deve necessariamente ser pungente e permanente para espíritos da sensibilidade requerida (LOVECRAFT, 1987, p. 10).

Se o horror está ligado ao medo, o sobrenatural está ligado ao medo do desconhecido. Mesmo que os contos de horror não possam atingir a todos, há formas de significar que ainda encontram um sujeito interpelado por uma memória que o constitui, a partir da produção de sentidos, mas também dos sentidos silenciados, que o significam muito mais, que reverberam nos modos de contar uma história. Nessa perspectiva, discutir sobre as lendas da região é dizer de um lugar no qual o sujeito pode se identificar por esta memória, que dialoga, interpela, instala o medo do desconhecido a partir do conhecido, como se observam nas lendas analisadas.

Compreende-se assim que a lenda é significada pela ordem da Lei e da Cultura, através do efeito de uma “letra no inconsciente” (LACAN, 1998), um inconsciente coletivo, que ao contar a lenda já inscreve seu dizer numa relação com o grande Outro, interpelado pela moral religiosa. Nesse aspecto que o medo e o horror se instalam. Medo do sobrenatural, medo das consequências de ações que fogem de preceitos religiosos já estabelecidos históricos e socialmente. Isso tudo faz a lenda significar ainda na atualidade com efeitos moralizantes, através do horror, do medo, do sobrenatural.

Dessa forma, com base nos estudos da Análise de Discurso de linha materialista, iniciada nos anos 60 por Michel Pêcheux, na França, e desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil, questiona-se como esse atravessamento constitutivo das formações discursivas da moral, da religião (re) significam o horror e o sobrenatural nas lendas “Arranca-línguas”?

Compreende-se que o sobrenatural faz parte da lenda produzindo efeitos moralizantes. Esses efeitos são atravessados por discursos, dizeres anteriores que significam os sujeitos por

meio de uma memória coletiva, do inconsciente coletivo, e essa moral, que atravessa esses dizeres, mostra a contenção de desejos mais insidiosos postos em funcionamentos para serem negados através da moral religiosa. Por isso, o grande Outro interpela os dizeres mostrando os efeitos de controle que a lenda produz, ou procura produzir a partir do medo do desconhecido.

Lenda, discurso e memória

Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso, só é possível, já que sujeito e sentido se apresentam mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que colocam em funcionamento as distintas regiões do dizível para sujeitos).

As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, a forma como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais, aí representados, constituem sentidos diferentes. (ORLANDI, 2007a).

De acordo com *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (2011) a definição de lenda aparece com as seguintes acepções: “1. Tradição escrita ou oral de coisas muito duvidosas ou inverossímeis. 2. (Por extensão) Vida de santo. 3. (Figurado) História, modo de proceder, vida (de alguém). 4. Mentira.”

Já o dicionário *online* de Português¹, define lenda como

História de teor maravilhoso, fantástico ou mirabolante cujos personagens são seres sobrenaturais, geralmente contam ou tem como tema tradições populares, folclóricas: lenda do Curupira.

Narrativa em que fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela invenção poética. As lendas frequentemente contêm um elemento real, mas às vezes são inverídicas.

História sobre alguém famoso, tendo em conta algo da sua vida ou personalidade, normalmente inventada pela imaginação popular ou pela imprensa: reza a lenda que Elvis Presley não morreu.

Personagem digno de louvor pelos seus feitos e características: Michelangelo Antonioni é uma lenda do cinema.

[Figurado] Qualquer história desprovida de verdade; mentira, engodo.

[Figurado] História aborrecida, que causa tédio; lenga-lenga.

¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lenda/>. Acesso em 29 ago. 2020.

Na definição de *Priberam* (2011), o termo “muito duvidosos” marca uma característica da lenda, materializada na acepção 4. Mentira. Já na segunda definição o termo: “os fatos históricos são deformados pela imaginação” nesse aspecto, uma outra característica da lenda é sobre sempre ter uma base na realidade, como se assim a tornasse mais verídica possível, produzindo efeitos nos sujeitos por ter cunho moral.

Buscando sua concepção histórica, de acordo com Bayard (2002, p. 10):

No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires (Voragine); eram lidas nos refeitórios dos conventos. Com o tempo ingressaram na vida profana; essas narrações populares, baseadas em fatos históricos precisos, não tardaram a evoluir e embelezar-se. Atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho.

Compreende-se que a característica histórica tem em sua instauração a compilação da vida dos santos, ou seja, contar a história da vida dos santos produz efeitos também moralizantes sobre o sujeito-leitor. Essa fundação da lenda, nessa perspectiva, permite até hoje que a lenda seja contada, com várias versões, sendo atravessado pelo discurso religioso.

Depois disso, evolui para o popular na relação com o profano, com base na realidade. Assim, o profano aparece como algo que não pode ser dito, mas que na lenda torna-se permitido, pois os discursos sobre o mal, sobre o pecado, são discursos interditados, mas que encontra na lenda um lugar de escape, pois na lenda se é dito sobre o sobrenatural, sobre o demônio, sobre o pecado, mas, por outro lado, ainda busca produzir efeitos moralizantes.

Bayard (2002), ao dizer que a lenda é o produto inconsciente da imaginação popular, significa a lenda na relação com o Outro, podemos dizer que o inconsciente coletivo é tomado por essa interpelação, como uma letra no inconsciente produzindo efeitos na produção das várias versões de uma mesma lenda, pois compreende aqui a “a letra, ou seja, a estrutura essencialmente localizada do significante” (LACAN, 1998, p. 505), mostrando que os discursos produzidos sobre a lenda e na lenda são atravessados por uma interpelação da ideologia pelo inconsciente.

Desse modo, os efeitos moralizantes, característica da lenda, são atravessados por discursos, dizeres anteriores que significam nos sujeitos através de uma memória coletiva, do inconsciente coletivo, e essa moral que atravessa esses dizeres mostra a contenção de desejos mais insidiosos postos em funcionamentos para serem negados através da moral religiosa. Por

isso, o grande Outro atravessa os dizeres mostrando os efeitos de controle que a lenda produz, ou procura produzir.

Uma outra definição de lenda é encontrada no *Dicionário de Termos Literários*:

Lenda: lat. Legenda, coisas que devem ser lidos. Designa toda narrativa em que um fato histórico se amplifica e se transforma sob efeito da imaginação popular. Não raro, a veracidade se dissipa no correr do tempo, deixando substituir apenas a versão folclórica dos acontecimentos. A lenda distingue-se do mito na medida em que este não deriva de acontecimentos e faz apelo ao sobrenatural. O vocábulo “lenda”, assim como “legenda”, também denominava, na Idade Média, os relatos que continham vidas de santos. Com tal sentido, Eça de Queirós escreveu as “Lendas de Santos”, enfeitadas nas *Últimas Páginas*. (MOISÉS, 2004, p. 259).

Nessa acepção, a origem latim, remete a escrita, como característica da linguagem de modo de ser registrada pela escrita. Para Moisés (2004) tem base na realidade, mas que com o tempo e as várias versões vão modificando os fatos ficando apenas o fantasioso. Para o teórico, a lenda diferencia do mito por derivar de fatos, enquanto que o mito não, sendo o mito sobrenatural. Já Bayard (2002), mostra que o mito diferente da lenda devido os seus personagens serem divinos, onde a ação é então sobrenatural e irracional. E a lenda conta como personagens como humanos e não deuses. Essa diferenciação também é mostrada pelo autor, como algo não definitivo, pois

Na realidade, essas categorias se embarçam e os mitos são de uma infinita variedade; relacionam-se às religiões, são cosmogônicos, divinos – ou heroicos. As lendas, com personagens mais modestos, fazem evoluir mágicos, fadas, bruxas, que, de uma maneira quase divina, influem nos destinos humanos. (BAYARD, 2002, p. 11).

Assim, tanto os mitos e lendas são atravessados pela moral religiosa, pois apesar de ter como personagens deuses, o mito também mostra o que pode acontecer com quem desobedece, com quem comete o pecado. Dessa maneira, o sujeito é sempre atravessado por ideologias, pelo grande Outro, compreendido por Lacan, como a Lei e a Cultura, pois segundo o autor, se o sujeito pode parecer servo da linguagem, “[...] o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio.” (LACAN, 1998, p. 498).

Observando a lenda numa perspectiva discursiva, compreendemos como esta pode significar os sujeitos e produzir seus efeitos. Para Orlandi (2016, p. 24), “[...] o conto, a lenda ou causa, portanto, se constitui para circular em suas diferentes formulações. Matéria de

memória em funcionamento em seus trajetos e deslocamentos. No caso da lenda, lidando com matéria do sobrenatural”.

Isso coloca em funcionamento como a lenda e a religião se relacionam e produzem seus efeitos. Um exemplo disso, citamos a lenda da serpente, ou lenda do minhocão da cidade de Cáceres-MT². Apesar de haver muitas versões dessa lenda espalhadas pelo país, ao trazer a lenda referente à Cáceres, apresentamos em evidência como a lenda se relaciona com um fato de um lugar específico.

Dessa forma, cada lenda atribui características próprias da região. No caso da lenda da serpente a relação que se estabelece é com a Igreja Catedral e a fé do povo cacerense. Portanto, muitos acreditam que a serpente está presa embaixo da Catedral, e o fato no qual houve a queda da Igreja durante sua construção faz com que a lenda perpetue e produza efeitos. De acordo com Maluf-Souza e Fernandes (2015, p.81), nesse caso, “[...] a Igreja Catedral significa em sua materialidade, o lugar que guarda a vitória do bem sobre mal, lugar que impede este expandir, de tomar forma, de voltar um dia a atormentar o povo cacerense”, isso coloca em funcionamento como a lenda e a religião se relacionam e produzem seus efeitos.

Nessa perspectiva, relacionando com as definições de lenda vistas até o presente momento, podemos que a lenda significa através da sua repetição, sua formulação, mas ainda tendo como base o sobrenatural e a moral religiosa na qual o sujeito é constituído como sujeito, pois se identifica ao dizer sobre a lenda.

Assim, o autor da narrativa, “[...] ao repetir, ou contar o conto, em sua versão, ele se liga, participando da rede de memória, individuando-se por aí e assim identificando-se como sujeito [...]. Modo de subjetivação pelo qual saber o conto já é identificar-se.” (ORLANDI, 2016, p. 24).

Nessa relação, no exemplo utilizado o processo de identificação na qual fato (queda da Igreja) e religião se organizam produzindo efeitos no sujeito que narra a lenda, identificando-se por se tratar de uma histórica local – mesmo havendo inúmeras versões da lenda por todo país – o que fica é a sensação de pertencimento através do sagrado e do profano, porque

[...] estar dentro da Igreja estabelece o lugar do sagrado e do profano, pois os efeitos que são produzidos são os de que é a Igreja que permite que o mal continue aprisionado, mas, ao mesmo tempo, esse mal tão próximo produz, ali tão presente, o horror, o temor, sendo uma lembrança constante de que o povo não pode perder a fé. Ou seja, ao mesmo tempo em que se tem sob os pés uma serpente que representa todo

² Disponível em: <http://www.caceres.mt.gov.br/Especial/3698/a-lenda-do-minhocao#.X02PCMhKi00>. Acesso em 31 ago. 2020.

o mal, tem-se nas colunas, nas imagens de santos e nas abóbodas da Catedral a representação de toda a santidade, da vida eterna buscada pelo homem. (MALUF-SOUZA, FERNANDES, 2015, p. 85).

Dessa forma, a lenda, na estrutura da Igreja, materializa, ao mesmo tempo, o medo e a segurança que produzem os sujeitos cacerenses, numa relação com a memória histórica e social, relacionada na construção da Igreja, e da junção do rio, que produz, em diferentes regiões, versões de lendas da serpente, que são ressignificadas por um viés geográfico e histórico que a atravessa.

“Arranca-línguas”: sentidos em constituição

A partir do olhar sobre como as lendas são definidas e também significadas na relação com o outro, com fatos e ficção, buscamos analisar lendas da região de Goiás, que também são citadas em outros lugares. A seleção dessas lendas inicia pela tentativa de compreender um pouco mais como as narrativas significam os sujeitos em seu modo de dizer. Para isso buscamos versões das lendas registradas em sites online como também em textos literários.

Dentre as lendas que encontramos online, tivemos no site *Curta mais* as lendas do “Romãozinho”, “Arranca-línguas”, “Rodeiro”, “Pé-de-garrafa”, “Nêgo d’água”, “O fantasma da Tereza Bicuda”, “A lenda da serpente”, entre outros³. A forma como o site apresenta essas lendas como *13 lendas goianas urbanas de causar arrepios* reverbera uma relação entre o medo, o sobrenatural e ainda a regionalidade. O uso do número 13, por exemplo, remete à superstição de ser um número de azar. Ou seja, as lendas são para meter medo “causar arrepios”, essa maneira de dizer sobre as lendas fez-nos refletir como as lendas são colocadas como uma forma de produzir o medo, principalmente por serem associadas ao sobrenatural. O termo “causar” também nos remete ao termo “causo”, contar um caso, um ocorrido, algo que aconteceu. Esse funcionamento faz relação com as definições da lenda que são tomadas sempre entre um fato e uma inverdade.

Mas voltando ao modo como isso faz significar as lendas, mostra que em suas narrativas, são histórias que apresenta também algo relacionado a uma moral, pois as narrativas produzem versões de personagens que assombram, que matam, que são seres que representam a maldade. Entretanto, ao analisar como as narrativas são escritas no site *Curta mais* e em outras

³ Disponíveis em: <https://www.curtamais.com.br/goiania/13-lendas-urbanas-goianas-de-causar-arrepios>. Acesso em 29 ago. 2020.

versões, observamos que nem sempre o personagem que se atribui ser do mal, é dessa forma, ou seja, há ações que fogem da visão de vilania, com ações até de auxílio a outras pessoas.

Portanto, é para discutir e analisar esses processos de significação que selecionamos a lenda “Arranca-línguas”, do site *Curta mais*, pois remete, em sua narrativa no site, a uma violência extrema, mas quando buscamos outra versão desta, outros sentidos são colocados em funcionamento.

Em “Arranca-línguas”, o nome da lenda chama atenção pois projeta sentidos de violência, o ato de arrancar uma parte do corpo constitui uma imagem histórica e social da violência enquanto algo perturbador que serve para assustar e assim submeter as pessoas.

Dessa forma, o ato de arrancar língua torna-se uma imagem muito agravante, violenta, que apresenta o funcionamento das formações imaginárias (ORLANDI, 2007a), da tortura, da opressão. Para autora, são projeções dos sujeitos nos discursos, que “[...] significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já dito).” (ORLANDI, 2007a, p. 40).

Por isso, o nome da lenda é chamativo, e faz refletir sobre a violência. Desse modo, analisamos a versão do site *Curta mais* e, em seguida, a de Câmara Cascudo (1999).

(01) **O Arranca-línguas.** Muito contada em Goiás, especialmente na região do Rio Araguaia, essa lenda trata sobre um ser maior que um gorila, que se alimenta com nada menos que línguas! E pior que o monstro é eclético: as línguas podem ser de bois, cavalos, cabras ou mesmo de gente. Conforme contam, o Arranca-línguas costuma atacar as vítimas à noite.⁴

Compreendemos que os sentidos sobre a lenda são produzidos a partir da relação entre ouvinte e narrador. Para Orlandi (2009, p. 239) “[...] um se define pelo outro, e, na sua relação, definem o espaço da discursividade.”

Por isso, que ao analisar a lenda, devemos compreender suas condições de produção. Como se trata de um site como várias notícias que são para entreter, inclusive no título do site, Site Curta Mais, as lendas narradas vêm apresentadas como versões que podem ser curtidas pelo interlocutor.

Como a lenda está divulgada em (01) com o título *13 lendas goianas urbanas de causar arrepios*, o modo como está constituída produz sentidos contraditórios e significativos. Ou seja, busca-se assustar seu leitor e, ao mesmo tempo, chamar a atenção para o site.

⁴ Disponíveis em: <https://www.curtamais.com.br/goiania/13-lendas-urbanas-goianas-de-causar-arrepios>. Acesso em 29 ago. 2020.

A atração pelo bizarro e pelo monstro está presente na história, de acordo com Courtine (2011) a história dos monstros está repleta de dispositivos do olhar, ou seja, maneiras como os monstros são vistos e apresentados ao público. Segundo o autor,

[...] por volta de 1880, que se entra nesta história. É então, com efeito, que atinge o ponto máximo *a exibição do anormal*, elemento central de um conjunto de dispositivos que fazem da exposição das diferenças, estranhezas, deformidades, enfermidades, mutilações, monstruosidades do corpo humano [...] (COURTINE, 2011, p. 256, grifos do autor).

Nessa perspectiva, o corpo do monstro, sua descrição é um modo de atrair o público para a narrativa, propiciando medo e fascínio.

Na narrativa do site, procura-se colocar uma localização, mas na forma como diz: “Muito contada em Goiás, especialmente na região do Rio Araguaia”, apresenta-se como que a lenda é contada em Goiás, principalmente em locais próximos ao rio, esse ambiente significa a lenda como de Goiás, em contrapartida, produz o efeito de generalizar, pois há várias lendas que fazem referência ao rio, lugar de fundação das cidades, à beira-rio, como na lenda do minhocão em Cáceres-MT.

O rio materializa nesta narração o lugar do desconhecido, como também uma memória local. Trata-se do desconhecido devido às suas águas, que podem conter muitos animais como jacarés, ariranhas etc., como contém muitas histórias, muitas lendas, nesse aspecto esconde em suas águas muitos segredos. Por outro lado, trata-se de um patrimônio local, não só do ribeirinho⁵, mas de todos os cidadãos do Estado. Assim, produz-se um imaginário sobre o rio ao mesmo tempo como algo sobrenatural, fantasioso, como algo real que faz parte do cotidiano do povo goiano.

Nessa relação, os sentidos produzidos também se instalam não tanto pelo medo, mas pelo sobrenatural, de um ser que arranca-línguas. Ao colocar a imagem desse “ser maior que um gorila”, de certa forma restringe-se sentidos, pois associamos a imagem de um gorila. Mas essa mesma formulação, poderia produzir outros modos de ser o monstro, pois só diz que é maior que um gorila, podendo ser de outra maneira, mas quando diz gorila isso restringe sentidos possíveis, como também indetermina, não é um gorila, mas é enorme, é um ser que não se consegue descrever além de dizer o tamanho.

⁵ Que anda ou vive pelos rios: aves ribeirinhas. Que se encontra ou mora próximo de um rio ou ribeiro; marginal, justafluvial: povoações ribeirinhas. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ribeirinho/>. Acesso em 23 jan. 2019.

Nesse caso, corpo do monstro foge ao semanticamente estabelecido, ou normatizado, essa maneira de visualizá-lo se constitui na maneira como o corpo do monstro socialmente, pois são as sociedades que marcam na aparência, no corpo, a anormalidade, produzindo o efeito de “monstrificação”. Como se assim, fosse distante dos demais, dos que estão dentro de um padrão estabelecido, pois compreendemos que corpo do “[...] monstro é sempre uma exceção que confirma a regra: é a normalidade do corpo urbanizado do cidadão que o desfile dos estigmatizados diante da objetiva convida a reconhecer no espelho deformador do anormal.” (COURTINE, 2011, p. 280).

Os sentidos sobre o corpo do monstro estão associados a imagem de um gorila, o que de certa forma é enganoso, pois não faz parte da fauna brasileira. Nesse caso, remete a uma memória ocidental, de um ser anterior conhecido para o exterior e ressignificado na região. De acordo com Cohen (2000, p. 26): “O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural – de uma época, de um sentimento e de um lugar.”

Ao falar “nada menos que línguas!”, se por um lado visa a assustar o leitor, a exclamação remete a uma ideia ao mesmo tempo de terror, e de brincadeira. Isso é visualizado quando fala que o “monstro é eclético”, percebe-se um tom irônico, produzindo efeitos de descrença em relação à lenda, como também expõe um horror em que não só a línguas de animais, mas de “gente” também podem ser comidas pelo monstro.

O fato de arrancar línguas é simbólico, pode significar o silêncio das pessoas, chamando a atenção das pessoas que falam demais, “linguarudas”, como também a violência de arrancar a língua, como castigo, como perigo que há na região. Esses sentidos são constituídos na relação das formações discursivas moral, religiosa e social que atravessam a lenda, produzindo efeitos moralizantes e comportamentais. Para Orlandi (2007b, p. 20), as formações discursivas são onde “[...] as diferentes formulações de enunciados se reúnem em pontos do dizer, em regiões historicamente determinadas de relações de força e de sentidos [...]”.

Nesse caso, a lenda encerra-se com a seguinte formulação: “Conforme contam, o Arranca-línguas costuma atacar as vítimas à noite”. Nessa formulação, a moral se estende para que as pessoas tenham medo de sair à noite. Esse é um dizer moralizante, em que coloca a noite como momento do perigo, pois apresenta o medo ao desconhecido, pois a violência que se pode sofrer é muito grande.

Nesse caso, pode-se compreender que lenda metaforiza sentidos de violências do cotidiano, realizadas por pessoas, não seres monstruosos, mas pessoas que podem ser violentas,

e a violência pode ocorrer principalmente à noite. Ou seja, a lenda coloca em funcionamento sentidos de que a violência está presente de certo modo na sociedade. Tal como Freud (1999) afirma ao falar sobre o “Mal-estar da civilização”, que ao viver em sociedade a tendência é sobreviver mais, temos que viver em sociedade, em grupos para poder viver, mas viver em sociedade com o outro, também produz o risco, principalmente de ser assassinado pelo outro.

Já a versão presente no *Dicionário folclore brasileiro* (CASCUDO, 1999) apresenta o Arranca-línguas como alguém que arranca línguas apenas dos animais. Mas ao mesmo tempo como algo em que todos acreditam. Fazendo com que a lenda resista como verdadeira, produzindo efeitos ainda na atualidade.

(02) **Arranca-Língua.** Monstro gigantesco, macacão de mais de dez metros de altura, que atacava os rebanhos bovinos de Goiás, abatendo as vacas e arrancando-lhes apenas a língua, deixando o corpo intacto. A imprensa goiana, mineira e carioca registrou o mito, divulgando os depoimentos espavoridos dos fazendeiros. O mito ainda resiste, embora se tenha amplamente provado tratar-se de uma epizootia. (CASCUDO, 1999, p. 105).

Nessa versão apresentada por Câmara Cascudo (1999), em (02), o termo “Monstro gigantesco”, coloca em funcionamento a imagem de um ser sobrenatural, ameaçado, pois extrapola o tamanho de um ser humano normal. Já em “Macacão de mais de dez metros de altura”, o monstro assume uma forma mais conhecida tal como na versão em (01). Essa relação entre o sobrenatural e a realidade constitui o imaginário sobre os seres fora de um padrão, pois é diferente de tudo que já foi visto, mas para se ter uma imagem desse ser, associa-o a algo conhecido, estendendo alguma característica como no caso, o seu tamanho.

O ato de arrancar as línguas refere-se apenas aos animais, e não dos humanos, o que atinge mais os “rebanhos bovinos” e os fazendeiros, que perdem sua propriedade: “depoimentos espavoridos dos fazendeiros”. Essa situação condiz com o Estado de Goiás, possuindo muitas fazendas de criação bovina. A lenda aqui refere-se ao mercado econômico, das perdas dos fazendeiros. Esse modo de dizer desloca a primeira versão, que produz o efeito de medo e de sobrenatural. Em (02), a lenda remete mais à realidade, mesmo ainda persistindo o mito, visualizado em “O mito ainda resiste, embora se tenha amplamente provado tratar-se de uma epizootia”. O termo “embora” remete a uma explicação para a causa dos animais mortos e sem língua, há um nome para isso. Mesmo assim, o mito resiste, fazendo refletir que a lenda se baseia em um fato, produzindo narrativas que atravessam os sentidos do científico, para o sobrenatural.

Entre o conhecido e o anormal, a versão de monstro se atualiza e textualiza no modos de dizer a lenda, podemos relacionar com uma das teses apresentadas por Cohen (2002), o monstro sempre retorna, ele não morre, mas volta de outras formas, dependendo das condições históricas e sociais, da mesma forma a lenda ressignifica o monstro, para a região, as condições em que está inserido, assim, uma memória constitutiva atravessa o narrar/contar/expor a lenda, num processo de atualização dos sentidos tanto na notícia veiculada na mídia online quanto na escrita de Cascudo.

Considerações finais

Compreendemos que ao analisar a lenda “Arranca-línguas” os sentidos produzidos são atravessados por diferentes formações discursivas, que determinam o que pode dever ser dito. O corpo do monstro na lenda projeta efeitos de horror e sobrenatural interpelado com condições históricas e sociais que o faz significar.

Em (01), os sentidos de medo, sobrenatural são atravessados pelo tom de brincadeira, dada pelo site que apresenta a lenda. Esse modo de dizer refere-se a um discurso midiático, que busca o acesso, a visibilidade, assim se coloca em um jogo entre causar medo e riso. Um entremeio entre a compreensão da lenda como apenas uma narrativa inverídica, como também a noção de se basear em um fato.

Fato que é materializado em (02) com o termo “epizootia”. Ou seja, a lenda (01) produz sentidos contraditórios entre medo e riso, pois o ato de arrancar-línguas também se atribui aos humanos, com efeitos moralizantes, pois não podem sair à noite. Já em (02) apresenta-se a restrição aos animais e faz referência a doença que os atinge.

Essa forma de dizer a lenda, coloca-a num jogo entre fato e mentira, pois a lenda se baseia no fato, para deslocar e produzir efeitos nos discursos sobre o sobrenatural, produzindo efeitos moralizantes, para que as pessoas fiquem de sobreaviso ao sair à noite, noite que significa o desconhecido, pois, conforme afirma Lovecraft (1987, p. 10): “a emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido.”

Referências

BAYARD, Jean-Pierre. **História das lendas**. Edição eletrônica Ridendo Castigat Mores, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>. Acesso em 07 set. 2016.

CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10 ed. Ediouro, Rio de Janeiro, 1999.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-59.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal – História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar**. V. 3. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 253-340.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998. p. 497-533.

LENDA. In: **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lenda>. Acesso em 07 set. 2016.

LENDA. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, edição em português do Brasil para Kindle, junho, 2011.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural na literatura**. Trad. João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1987.

MALUF-SOUZA, O.; FERNANDES, F. S. Arquitetura das igrejas: gestos metafóricos e metonímicos que materializam desejos inconscientes. In: **RUA** [online]. nº. 21. Volume 1, p. 71 - 86. Junho/2015. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em 28 ago. 2017.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007a.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007b.

ORLANDI, Eni P. O discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2009. p. 239-262

ORLANDI, Eni P. “Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória”. In: ORLANDI, Eni P. **Instituição, relatos e lendas: narratividade e individuação dos sujeitos**. Pouso Alegre: Univás, Campinas: RG Editores, 2016. p. 21-39.

MOÍSES, Maussaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. Ver. Ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi (et al.). 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

SOBRE AS AUTORAS

Fernanda Surubi Fernandes

Doutora, mestra e especialista em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Licenciada em em Letras/Língua Portuguesa e suas Literaturas pela UNEMAT. Atualmente é professora efetiva na área de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Estadual de Goiás - UEG, no Curso de Letras UEG/Campus Oeste/Unidade Universitária de Iporá.

Olimpia Maluf-Souza

Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Uberaba (1982), Mestrado (2000) e Doutorado (2004) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Atualmente é professora titular da graduação e da pós-graduação em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT.

Recebido em setembro de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em dezembro de 2021